Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

RELEITURAS DECOLONIAIS DE DEBRET: UMA PROPOSTA CRÍTICO-CRIATIVA COM AUXÍLIO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA DE IMAGEM

DECOLONIAL REINTERPRETATIONS OF DEBRET: A CRITICAL-CREATIVE PROPOSAL WITH THE AID OF GENERATIVE IMAGE ARTIFICIAL INTELLIGENCE TOOLS

REINTERPRETACIONES DECOLONIALES DE DEBRET: UNA PROPUESTA CRÍTICO-CREATIVA QUE UTILIZA HERRAMIENTAS DE INTELIGENCIA ARTIFICIAL GENERATIVA PARA EL PROCESAMIENTO DE IMÁGENES

Fernando Dourado dos Santos
Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador/BA, Brasil

Resumo

Este relato apresenta os desdobramentos de uma sequência didática desenvolvida no âmbito de uma pesquisa interventiva vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes), do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fundamentada na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (2014), a intervenção propôs a criação de releituras decoloniais de obras do artista Jean-Baptiste Debret com auxílio de ferramentas de Inteligência Artificial Generativa de imagem em articulação com a abordagem teórica desenvolvida ao longo da pesquisa. A metodologia baseou-se na observação direta e em entrevistas com estudantes do Ensino Médio público do estado da Bahia, permitindo a discussão dos impactos, potencialidades e obstáculos decorrentes da proposta didática. Os resultados demonstram que o uso qualificado, contextualizado e crítico dessas ferramentas tecnológicas pode promover vivências significativas, auxiliando a aprendizagem em Arte ao possibilitar a projeção imagética das ideias dos estudantes como forma de questionar os resultados estéticos que evidenciam os vieses, as falhas e os conflitos éticos intrínsecos às tecnologias empregadas, favorecendo, assim, o desenvolvimento de uma postura crítica.

Palavras-chave: Ensino de Arte, Releituras Decoloniais, Ensino Médio, Inteligência Artificial

Abstract

This report presents the developments of a didactic sequence carried out within the framework of an intervention research project linked to the Professional Master's Program in Arts (ProfArtes) of the Institute of Humanities, Arts, and Sciences (IHAC)

REVISTA DA FUNDARTE

at the Federal University of Bahia (UFBA). Grounded in Ana Mae Barbosa's Triangular Approach (2014), the intervention proposed the creation of decolonial reinterpretations of works by the artist Jean-Baptiste Debret with the support of Generative Artificial Intelligence image tools, in articulation with the theoretical framework developed throughout the research. The methodology was based on direct observation and interviews with public high school students in the state of Bahia, enabling discussion of the impacts, potentialities, and challenges arising from the didactic proposal. The results demonstrate that the qualified, contextualized, and critical use of these technological tools can promote meaningful learning experiences, supporting Art education by enabling the visual projection of students' ideas as a way to question aesthetic outcomes that reveal the biases, flaws, and ethical conflicts intrinsic to the technologies employed, thus fostering the development of a critical stance.

Keywords: Art Education, Decolonial Reinterpretations, High School, Artificial Intelligence

Resumen

Este informe presenta el desarrollo de una secuencia didáctica elaborada en el marco de una investigación intervencionista vinculada al Programa de Maestría Profesional en Artes (ProfArtes) del Instituto de Humanidades, Artes y Ciencias (IHAC) de la Universidad Federal de Bahía (UFBA). Con base en la Propuesta Triangular de Ana Mae Barbosa (2014), la intervención propuso la creación de reinterpretaciones decoloniales de obras del artista Jean-Baptiste Debret mediante herramientas de inteligencia artificial generativa, en consonancia con el enfoque teórico desarrollado a lo largo de la investigación. La metodología se fundamentó en la observación directa y entrevistas con estudiantes de escuelas secundarias públicas del estado de Bahía, lo que permitió analizar los impactos, el potencial y los obstáculos derivados de la propuesta didáctica. Los resultados demuestran que el uso cualificado, contextualizado y crítico de estas herramientas tecnológicas puede promover experiencias significativas, facilitando el aprendizaje artístico al permitir la proyección visual de las ideas de los estudiantes como una forma de cuestionar los resultados estéticos que ponen de manifiesto los sesgos, las deficiencias y los conflictos éticos inherentes a las tecnologías empleadas, favoreciendo así el desarrollo de una postura crítica.

Palabras clave: Educación artística, Reinterpretaciones decoloniales, Bachillerato, Inteligencia artificial

INTRODUÇÃO

Em um momento histórico caracterizado pela ampla penetração das tecnologias digitais na sociedade, não se pode afirmar que, atualmente, o letramento

Volume 2026
ISSN 2319-0868

e a inclusão digital estejam tão disseminados quanto o acesso a dispositivos e recursos tecnológicos por parte de grande parcela da população. No campo educacional, o acesso e o uso dessas tecnologias a contento das necessidades pedagógicas — tanto por parte de professores quanto de estudantes — evidenciam-se como desafios significativos, que se refletem diretamente nas dinâmicas de ensino e aprendizagem.

Em uma típica turma de Ensino Médio, por exemplo, é notável a íntima e intensa relação de grande parte dos estudantes com as tecnologias digitais. Isso se demonstra em atitudes recorrentes, mas que, infelizmente, poucas vezes atendem a um propósito pedagógico efetivo. Mesmo nos estágios iniciais de implementação da Lei nº 15.100/2025 — que proíbe o uso não pedagógico de dispositivos digitais nos momentos de aula e intervalos escolares — ainda se percebe, com recorrência, que boa parte dos estudantes se dispersa para atender aos estímulos viciantes das redes sociais, recorre aos jogos online ou aos seus fones de ouvido em plena aula (Brasil, 2025).

Outro caso cada vez mais explícito é a percepção de um padrão de escrita ou de produção artística que não condiz com aquilo que o(a) estudante demonstra, principalmente quando provocado(a) oralmente ou por meio de atividades sem a supervisão docente. Já tem sido possível, portanto, perceber indícios de que ferramentas baseadas em Inteligência Artificial Generativa (IA Generativa) estão sendo exploradas pelos estudantes, traduzindo-se em práticas sofisticadas que substituem as formas convencionais de “pesca” ou “cola”. Tais evidências demonstram que a apropriação dessas tecnologias pela maioria dos estudantes tem ocorrido de forma deslocada dos benefícios pedagógicos, esvaziando toda a potência crítica e reflexiva que permeia a aprendizagem em Arte.

Por trás da falsa promessa de liberdade, autonomia e acesso ao conhecimento oferecido por essas tecnologias, existe uma estrutura técnica que opera sob uma lógica algorítmica opaca e enviesada, controlada por grandes corporações de origem estadunidense, chinesa e europeia. Isso, por consequência, implica o reflexo de interesses hegemônicos em detrimento dos países menos desenvolvidos, especialmente do Sul Global (Holmes *et al.*, 2024).

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Nesse contexto, o uso banalizado dessas ferramentas favorece a propagação indiscriminada de informações, imagens e vídeos cada vez mais verossímeis, os quais muitas vezes recebem a chancela de verdade, constituindo-se em estratégias de opressão e alienação que podem influenciar a opinião coletiva e acentuar problemas como a desinformação, o racismo e a misoginia por meio de representações e discursos estereotipados (Holmes *et al.*, 2024).

A vulgarização das linguagens artísticas por meio de ferramentas que se apresentam como soluções mágicas pretensiosamente adjetivadas como "inteligentes" levanta questões centrais a serem problematizadas no ensino de Arte, entre as quais se destacam o controle sobre o resultado estético, o enfraquecimento da originalidade e da autoria, assim como a consequente limitação da subjetividade tipicamente humana. Em vista disso, urge, de maneira incontornável, a necessidade de articular o ensino de Arte aos novos desafios impostos pela profusão tecnológica com impactos diretos nos processos formativos.

Reforça-se, assim, a necessidade de inovar e despertar nos estudantes a capacidade de desenvolver uma postura crítica frente aos novos hábitos, comportamentos e tecnologias integrados ao cotidiano. Diante da inevitável presença desses recursos na sociedade, seu questionamento pode ser trabalhado a partir das próprias lógicas operacionais e algorítmicas, bem como dos resultados promovidos que habitualmente se traduzem em manifestações midiáticas carregadas de falhas, vieses, controvérsias e conflitos éticos que reforçam problemas oriundos da era pré-digital.

Nessa perspectiva, este trabalho tem o objetivo de apresentar e analisar os desdobramentos de uma sequência didática realizada em um contexto de pesquisa[1] vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal da Bahia, que utiliza ferramentas de IA Generativa de imagem em auxílio à criação de releituras decoloniais, discutindo os impactos e identificando potencialidades e obstáculos decorrentes da experiência.

[1] Dissertação de Mestrado intitulada "O ensino (híbrido) de arte como potência libertadora: um estudo de caso no Colégio Estadual de Tempo Integral Gonçalo Muniz", apresentada ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia, sob orientação da professora Dra. Renata Voss Chagas.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Embora tais tecnologias se mostrem cada vez mais disseminadas nas dinâmicas de ensino e aprendizagem no Ensino Médio, esse uso tem ocorrido sem a adequada mediação pedagógica, comprometendo o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. Assim, este estudo contribui para a reflexão sobre o emprego crítico de ferramentas de IA Generativa de imagem no ensino de Arte de forma articulada ao conteúdo curricular para dar visibilidade a falhas, limitações, controvérsias e conflitos éticos intrínsecos a essas tecnologias, que dialogam com práticas e representações estereotipadas, racistas e misóginas que permeiam a História da Arte.

No campo das Artes, atravessam-se estágios iniciais carregados de inquietações e incertezas quanto aos impactos e desafios trazidos pelas ferramentas de IA Generativa, cujas reflexões e formulações teóricas e práticas ainda estão em processo de desenvolvimento por parte de artistas, docentes e pesquisadores. Contudo, a história nos demonstra que a Arte sempre se transforma, se afirma e permanece indispensável ao desenvolvimento humano toda vez que é desafiada, reafirmando sua capacidade de ressignificar criticamente os contextos tecnológicos em que se insere.

Nesse contexto, é importante reconhecer que as inquietações e preocupações trazidas neste trabalho merecem investigações mais profundas e abrangentes, em razão do grau de influência que estas podem exercer sobre a Arte e a aprendizagem. Portanto, este trabalho não se propõe a oferecer conclusões absolutas ou definitivas, mas a apresentar-se como uma alternativa de exploração de ferramentas de IA Generativa de imagem em benefício da aprendizagem em Arte, constituindo-se, também, como um convite à reflexão e ao debate a respeito de novos desafios incorporados pelas tecnologias digitais ao ensino de Arte.

METODOLOGIA

A experiência apresentada neste trabalho integrou um estudo de caso desenvolvido no âmbito de uma pesquisa voltada à investigação dos impactos do ensino híbrido envolvendo estudantes do Ensino Médio Regular (EMR), Ensino Médio em Regularização de Fluxo (EMRF) e Educação de Jovens e Adultos (EJA) da rede pública estadual da Bahia.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Ao enraizar-se no contexto da prática docente como produto de uma trajetória de formação em nível de Mestrado Profissional, a pesquisa assume os contornos de uma pesquisa interventiva, constituindo-se como uma interseção entre a produção de conhecimento acadêmico e a ação pedagógica direta (De Sá; Almeida; Santos, 2025). Para a coleta de dados, recorreu-se à observação direta intensiva, abrangendo instrumentos como a observação sistemática e entrevistas (Marconi; Lakatos, 2023).

CONTEXTO E DESCRIÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Em 2024, a trajetória formativa vivenciada no componente de "Metodologias de Pesquisa", vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes) da Universidade Federal da Bahia e conduzido sob mediação dos professores Paola Barreto Leblanc e Kenneth Michael Dossar, foi marcada por ricos momentos de reflexões e discussões a partir do fomento de pedagogias emancipatórias e do questionamento de perspectivas hegemônicas que persistem na educação formal escolarizada.

A interação com saberes de abordagem decolonial, emancipatória e plural, assim como as provocações e inquietações decorrentes dessa experiência foram cruciais para o aprimoramento de um projeto de pesquisa que veio a se concretizar em 2025 — ainda vinculado aos propósitos do ProfArtes — destinado a analisar os impactos de uma intervenção pedagógica desenvolvida a partir do emprego do ensino híbrido no ensino de Arte.

A proposta de utilização de ferramentas de IA Generativa de imagem para auxiliar a criação de releituras decoloniais foi desenvolvida, portanto, nesse contexto de pesquisa. A ideia, intitulada "*Releituras Decoloniais de Debret",* foi inspirada pelo contato com a obra "Atualizações Traumáticas de Debret" (2020), da artista Gê Viana, e se materializou ao longo do ano letivo de 2025, configurando-se como uma abordagem crítica, discutindo, de forma articulada, as potencialidades, limitações, riscos e conflitos éticos relacionados à integração dessas tecnologias ao processo de ensino e aprendizagem em Arte.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A sequência didática desenvolveu-se a partir da mesclagem entre o estudo presencial e o estudo online, integrando as aulas convencionais com o estudo autônomo por meio do Mural de aprendizagem em Arte (MAPA), um mural online no qual os estudantes tinham acesso a conteúdo e atividades complementares às aulas presenciais. O estudo online era também vivenciado por meio de sessões de estudo online — que também exploravam o mural online — realizadas nas dependências da escola.

O andamento pedagógico ocorreu ora introduzindo novos temas, ora aprofundando e consolidando o que havia sido iniciado em sala de aula. Nesse contexto, o MAPA exerceu papel central ao articular o estudo presencial e o estudo online, atuando como ponte contínua e garantindo a continuidade e a coerência do processo de aprendizagem, mesmo diante de um cenário de carga horária restrita a um encontro semanal.

Orientada pelos princípios do ensino híbrido, a proposta desenvolveu-se ao longo da segunda unidade letiva do ano de 2025, em consonância com uma abordagem teórica alinhada às diretrizes do Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB), especialmente no que se refere às relações entre Arte e Colonização, à influência da cultura europeia no Brasil com destaque ao estilo Barroco e à introdução da pintura acadêmica no país (Bahia, 2022).

No que tange à metodologia para o ensino de Arte, a proposta sustentou-se na Abordagem Triangular (Barbosa, 2014), fundamento que, de acordo com Bispo (2025, p. 6), “dialoga com as literaturas da pós-colonialidade, da decolonialidade e se opõe às concepções eurocêntricas”. Dessa forma, os conteúdos foram trabalhados a partir da leitura de obras de Arte, da contextualização histórica e da produção artística.

Diante da leitura crítica de obras de Jean-Baptiste Debret que integram sua famosa série *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (Debret, 1940),* os estudantes foram convidados a idealizar, descrever textualmente e projetar imageticamente releituras decoloniais de obras icônicas do artista com auxílio de ferramentas de IA Generativa de imagem. O quadro a seguir apresenta, de forma cronológica, o andamento pedagógico vivenciado ao longo do processo.

Quadro 1 – Conteúdos Ministrados

PERÍODO	CONTEÚDOS MINISTRADOS
14/07/2025 a 18/07/2025	Arte e Colonização; Missão Artística Francesa (presencial).
14/07/2025 a 18/07/2025	Análise de obras de Jean-Baptiste Debret (online).
21/07/2025 a 25/07/2025	Pintura Acadêmica no Brasil; Academia de Belas Artes (presencial).
21/07/2025 a 25/07/2025	Gê Viana; Atualizações Traumáticas de Debret (online).
28/07/2025 a 01/08/2025	Releituras Decoloniais de Debret: descrição textual das releituras (presencial).
04/08/2025 a 08/08/2025	Releituras Decoloniais de Debret: produção das imagens por meio de IA (online); discussão sobre resultados (presencial).

Fonte: Elaboração própria, 2025.

O recorte temático que permeou a proposta foi introduzido a partir da discussão sobre as relações entre Arte e Colonização, abordando algumas das estratégias de dominação empreendidas pelos colonizadores com impacto direto sobre as tradições e culturas dos povos indígenas, africanos e afro-brasileiros. A abordagem teórica culminou no estudo sobre o advento da Missão Artística Francesa no Brasil e suas consequências no campo da Arte desenvolvida em territórios brasileiros no início do século XIX.

Dando continuidade à abordagem teórica, os estudantes foram estimulados a dirigir-se ao mural online a fim de analisar oito obras de autoria de Jean-Baptiste Debret, que remontam ao Brasil Império, avaliando criticamente as representações cristalizadas sob a ótica do artista. Eles foram orientados também a manifestar suas opiniões por meio de comentários publicados no próprio mural como resposta ao seguinte questionamento: ***Você acha que o artista denunciou ou romantizou a violência do sistema escravista no Brasil Império? Justifique sua resposta de forma breve.*** A referida provocação foi marcada por um retorno bastante significativo perante as turmas envolvidas, traduzindo-se em comentários com opiniões e observações relevantes.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A análise dos comentários[2] publicados pelos estudantes revelou, majoritariamente, a ideia de que o artista teria denunciado tais práticas, uma vez que cenas violentas e preconceituosas estavam representadas nas principais obras do artista. Em um dos comentários, considerando que Debret denunciou a violência do Brasil escravista, um dos estudantes trouxe uma relevante perspectiva ao considerar que:

> [...] suas obras retratam com realismo a crueldade sofrida pelos escravizados, mostrando castigos físicos, humilhações públicas e o cotidiano desumano. Embora tenha sido estrangeiro e pintasse sob encomenda, suas imagens revelam a brutalidade do sistema escravista, funcionando como um registro crítico daquela realidade (Estudante A, 2025).

Em complementação a essa dinâmica online, a discussão foi retomada em sala de aula, onde os estudantes foram convidados a refletir sobre suas opiniões, considerando o fato de que as obras foram produzidas em um contexto histórico em que as práticas escravistas eram normalizadas. Dessa forma, analisá-las atualmente como instrumentos de denúncia ignora o fato de o artista ter se utilizado de uma perspectiva eurocêntrica, cujo propósito de registro distanciava-se da intenção de protesto.

Dando continuidade ao estudo, os estudantes foram apresentados a uma intervenção artística intitulada *Atualizações Traumáticas de Debret* (2020), de autoria da artista maranhense Gê Viana. Discutiu-se que, ao reinterpretar obras icônicas que representam um período marcado pela violência, pela inferiorização e pela desumanização dos povos indígenas, africanos e afro-brasileiros, tal intervenção configurou-se como uma ação de ressignificação de narrativas estereotipadas e racistas muito presentes na obra de Debret, dando lugar a representações positivas e valorizadoras desses povos.

Na sequência, os estudantes foram convidados a retornar ao mural online para apreciar um vídeo no qual a artista explicava as motivações e intenções que orientaram a ressignificação de algumas das obras do artista francês. A partir dessa apreciação, foram novamente provocados a manifestar suas opiniões por meio de

[2] Comentários publicados no Mural de Aprendizagem em Arte (MAPA) em julho de 2025.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

comentários, orientados pela seguinte provocação: ***Ao modificar imagens antigas, Gê Viana muda só a imagem ou também muda o discurso por trás dela? Explique com suas palavras***.

A avaliação sobre os comentários publicados revela a predominância do entendimento de que, ao alterar as imagens, a artista promoveu também uma mudança significativa do discurso. De modo geral, observou-se que os estudantes conseguiram assimilar a intenção da artista ao questionar as narrativas originais, ressignificando seu sentido e promovendo a leitura crítica do passado por meio das imagens. Destacaram-se comentários que reconheceram a intervenção da artista como um gesto político e simbólico, ao criticar a naturalização de representações que associam corpos negros e indígenas à subserviência, à servidão, ao castigo, apagando todo o histórico de luta e resistência desses povos. Nesse sentido, uma estudante destacou que, ao propor releituras decoloniais, a artista:

> Muda a imagem e o discurso, pois não é tão compreensível a intenção das imagens do povo negro em situação vulnerável, sofrimento, agressões físicas. Tudo isso em livros e em demais lugares, dá uma impressão de que eles não têm identidade, de que são desconectados do mundo e não têm um significado. Mas ao mudar as imagens focando na felicidade, nos bons momentos que esse povo antigo teve, na cultura deles, como dança, comida, confraternização, podemos ver a existência de um povo, do povo negro, único e exclusivo com suas características, dando a entender em nossas mentes que existe esse grupo e que ele possui valores, costumes, regras, e muito mais a se compartilhar e conhecer. Isso faz com que a mentalidade mude acerca das imagens cruéis que vemos em livros, por exemplo. Vemos eles de uma forma independente e soberana com o devido respeito (Estudante B, 2025).

Em um novo encontro presencial, as mesmas obras analisadas anteriormente online foram retomadas em sala de aula. Os estudantes foram convidados a escolher uma entre as oito obras estudadas para, a partir da escolha, propor uma releitura decolonial que não reproduzisse qualquer tipo de privilégio, hierarquia, violência ou estereótipo. Em um primeiro momento, o conceito de releitura foi trabalhado em sala de aula. Em seguida, solicitou-se que os estudantes elaborassem uma descrição textual que pudesse atender à ideia de uma releitura decolonial, buscando não apenas ressignificar a perspectiva colonial de Debret,

Volume 2026
ISSN 2319-0868

mas, também, confrontar como esses mesmos vieses históricos se manifestam e se perpetuam em representações disseminadas cotidianamente.

Encerrando a triangulação metodológica nas bases de Barbosa (2014), em um encontro presencial subsequente, os estudantes foram convidados a utilizar a descrição textual produzida anteriormente, submetendo-a na forma de um *prompt*[3] a ferramentas de IA Generativa de imagem, permitindo que sua proposta de releitura fosse projetada imageticamente. Durante esse processo, os estudantes foram orientados a evitar expressões relacionadas à violência, à hierarquia, a privilégios, entre outros termos que pudessem interferir em uma representação indesejada.

Esse momento foi marcado pela manifestação de impressões positivas e por um engajamento que evidenciaram o caráter promissor da proposta em se traduzir em uma experiência significativa. O fator inovador da proposta provocou nos estudantes um nível de atenção e de interesse que raramente se observa em abordagens de cunho expositivo. Destaca-se, ainda, a mobilização dos estudantes na produção de imagens em consonância com a proposta decolonial, processo que se apresentou como um desafio permeado por limitações tanto relacionadas às próprias capacidades descritivas dos participantes quanto à arquitetura técnica das ferramentas empregadas.

O caráter singular da tarefa exigiu orientações adicionais sobre os procedimentos técnicos para a geração das imagens, as quais foram produzidas pelos próprios estudantes a partir de dispositivos e recursos tecnológicos próprios. As ferramentas empregadas foram principalmente o ChatGPT, da OpenAI, e o Gemini, da gigante tecnológica Alphabet. A surpresa em deparar-se com a cristalização de suas ideias foi uma percepção marcante obtida no calor da experiência, também evidenciada nas entrevistas[4] de pesquisa, que trouxeram relatos significativos, que são discutidos a seguir.

Opinando sobre a imprevisibilidade do resultado imagético, a Estudante C declarou: *"Eu acho incrível, porque é uma coisa que sempre vai te surpreender".* Já

[3] Instrução textual submetida a ferramentas de Inteligência Artificial Generativa com o objetivo de se obter uma resposta na forma de texto, imagem, vídeo ou outro formato.
[4] Entrevistas de pesquisa número 07, 10, 11, 12 e 15, concedidas entre 08 e 13 de outubro de 2025 na cidade de Camaçari, estado da Bahia.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

a Estudante D, ponderou: ***"****Eu acho que não é possível prever exatamente como vai ser criada, como vai ficar depois de pronta porque a maioria é aleatória e o processo da imagem não seria tão real como a original".*

O Estudante E, por sua vez, observou: *"Dá uma insegurança na acuracidade [acurácia] do resultado para com a fórmula".* Quando questionado se se considerava o principal autor da imagem, o entrevistado declarou: "*Em parte considero a ideia da releitura uma criação minha; a parte de gerar o que foi pedido veio por parte da IA e as cores em soma das tentativas de fazer aquilo que foi pedido".*

Para além da limitação do controle sobre o resultado final, outros relatos destacaram-se pela avaliação positiva — e até entusiasmada — em relação à praticidade e à possibilidade de projetar imageticamente as ideias que, na percepção de parte dos estudantes, dificilmente alcançariam o mesmo grau de "perfeição" caso fossem produzidas por meio de técnicas tradicionais de criação artística. Nesse sentido, ao ser questionada se a utilização de técnicas de produção convencionais produziria resultados distintos, a Estudante F declarou: "*Iria sair diferente pelo fato de eu não ser desenhista e a imagem ter muitos detalhes. Iria ser difícil reproduzir a mesma imagem com materiais tradicionais".*

O entusiasmo pelo resultado obtido foi realçado no depoimento da Estudante G, que declarou que, caso fizesse manualmente, "*[...]tentaria ao máximo fazer da mesma forma, mas acredito que não sairia perfeito igual à IA".* Em consonância com isso, a Estudante C avaliou que a criação seria "[...] *bem mais demorada e não sairia tão perfeito" e que "não iria ficar tão perfeita como a criação da IA, bem realista*".

Esses relatos trazem à luz uma preocupação central a respeito da originalidade e do controle de autoria levantada por artistas, pesquisadores e professores de Arte, uma vez que o estilo artístico, a estética e a própria narrativa visual — ainda que sejam especificados na instrução fornecida — ficam reféns do modo como o algoritmo interpreta a descrição fornecida, bem como da capacidade restrita e padronizada em concebê-la no formato de uma imagem. Isso, por consequência, representa uma notória limitação da expressão da subjetividade humana.

Por outro lado, os depoimentos evidenciam que a criação de releituras com o auxílio dessas ferramentas demonstrou-se capaz de incentivar os estudantes a materializar suas ideias na forma de linguagens artísticas mediadas por ferramentas de IA Generativa, sem incorrer no receio do julgamento estético comumente manifestado nas experiências de produção artística em sala de aula.

As evidências demonstraram que a proposta foi bem recebida pelos estudantes. Quando devidamente contextualizada e explorada em benefício da aprendizagem, a integração dessas tecnologias pode contribuir significativamente para a aprendizagem em Arte. Por outro lado, o uso descontextualizado e sem mediação pedagógica adequada pode, ao contrário de promover vivências formativas, reforçar práticas superficiais e pouco reflexivas.

A experiência revelou-se bastante promissora, e as percepções foram reveladoras no sentido de observar os estudantes confrontando-se com controvérsias e conflitos éticos presentes nas ferramentas de IA Generativa. Boa parte dos estudantes notou que suas descrições iniciais muitas vezes não se traduziam nas representações desejadas e até reproduziam preconceitos ou estereótipos. Nesse contexto, foram discutidos alguns aspectos relacionados ao funcionamento dessas tecnologias, com destaque para a falta de diversidade no conjunto de dados utilizados no treinamento dos modelos e sua consequente capacidade de reproduzir preconceitos sociais e históricos.

Durante o processo de cristalização das ideias, os estudantes foram orientados a refinar seus *prompts* sempre que o resultado inicial não correspondesse àquilo que desejavam — procedimento que se revelou recorrente ao longo da proposta. Assim, à medida que aprimoravam seus *prompts*, eles passavam a obter representações mais coerentes com o esperado, alinhando-se progressivamente aos fundamentos decoloniais que orientaram a proposta.

Em consonância com isso, ao ser questionada se a imagem obtida inicialmente teria atendido à expectativa de extrair preconceitos, privilégios, hierarquias sociais ou violência, a Estudante F declarou: *"Logo no início, a IA não atendeu a todas as expectativas, mas após algumas alterações, sim."*. Referindo-se ao processo de aprimoramento da narrativa visual, a entrevistada declarou ainda

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

que *"Logo quando pedi para gerar a imagem, o resultado não ficou bem[sic], ainda tinha alguns traços de preconceito, mas depois de algumas alterações consegui chegar em um resultado bom."*.

Essa declaração evidencia outro grande problema recorrente comum às principais ferramentas de IA Generativa: a persistência de vieses e conflitos éticos que culminam na reprodução de preconceitos históricos e sociais por meio de linguagens artísticas. Em consequência disso, o uso acrítico e banalizado de ferramentas de IA Generativa, cada vez mais diversas, resulta na disseminação de conteúdos progressivamente mais verossímeis, que alimentam mazelas sociais como o racismo, a misoginia, a desinformação, a homofobia, entre outros males.

Considerando que o uso dessas ferramentas se demonstra cada vez mais disseminado nas escolas, essa realidade introduz novas tensões que, se não forem devidamente problematizadas, podem culminar em processos de esvaziamento pedagógico e de intensificação da desvalorização do componente Arte. Em vista disso, o ensino de Arte não deve se furtar a articular o processo formativo aos desafios contemporâneos que emergem da interação com ferramentas de IA Generativa, elucidando limitações, vieses e conflitos éticos em favor de uma postura crítica e propositiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do conjunto de imagens produzidas revela a recorrência de características gerais que se configuram como potenciais obstáculos à experiência artística em sala de aula. Entre esses fatores, destacam-se a limitação do poder de decisão dos estudantes sobre o resultado final das produções, a tendência de padronização das estéticas visuais, a dificuldade de representação de emoções de maneira natural e a reprodução de estereótipos e preconceitos, além de representações genéricas ou padronizadas. Tais aspectos evidenciam tensões entre a proposta criativa e as mediações técnicas impostas pelas ferramentas de inteligência artificial.

Observa-se a recorrência de representações artificializadas, materializadas em olhares fixos, lançados ao vazio, muito distintos da dinâmica de uma interação

Volume 2026
ISSN 2319-0868

natural, evocando certa rigidez expressiva e um aspecto quase robotizado. Essas características evidenciam a dificuldade das ferramentas de IA Generativa de imagem em traduzir gestos e emoções de forma orgânica. Na imagem a seguir — produzida com o intuito de ressignificar a narrativa presente na obra *"O jantar"* (Debret, 1835) —, embora apresente uma estética visual considerável, exemplifica a dificuldade de representação de expressões faciais naturais percebidas em outras produções, dando visibilidade à atuação algorítmica.

Figura 1 — Um jantar em família



Estudante H. Um jantar em família. Imagem digital gerada por Inteligência Artificial, 1024 x 1024 pixels (.PNG). Fonte: Arquivo Pessoal, 2025.

No que se refere às representações de povos indígenas, a maior parte das imagens produzidas aproximou-se mais de uma generalização estética pautada em estereótipos associados aos indígenas sob a ótica do Norte Global do que de representações condizentes com a diversidade cultural dos povos indígenas brasileiros. Tal distorção reforça a presença de vieses nos sistemas de geração de imagens e tensiona a adequação dessas ferramentas quando utilizadas em propostas que demandam sensibilidade cultural e compromisso decolonial. A imagem a seguir, produzida no intuito de ressignificar a obra *"Soldados índios da província de Curitiba, escoltando índios prisioneiros" (Debret,1834),* carrega algumas dessas características:

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 2 — Sem título



Estudante I. Sem título. Imagem digital gerada por Inteligência Artificial, 1024 x 1024 pixels (.PNG). Fonte: Arquivo Pessoal, 2025.

Os exemplos citados anteriormente desmistificam a neutralidade e a imparcialidade muitas vezes defendidas pelas empresas detentoras das tecnologias, demonstrando que o entusiasmo potencializado pelas ações de marketing e pela disseminação dessas produções nas redes sociais esconde problemas que devem ser questionados em benefício do desenvolvimento de uma postura crítica frente aos resultados imagéticos que tais ferramentas são capazes de produzir. Nesse sentido, a fim de enfatizar a lógica algorítmica acrítica, padronizada e enviesada comum à maioria das ferramentas de IA Generativa de imagem, nos concentraremos, a seguir, na análise de uma das releituras que manifestou preconceito explícito.

Uma das obras incluídas na proposta, "*Feitores castigando negros"*, integra a famosa série *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1940)* produzida por Jean-Baptiste Debret. A litografia original retrata uma cena de extrema violência que expõe o caráter desumano, cruel e racista do sistema escravista, configurando-se como um dos mais evidentes registros iconográficos do Brasil Imperial. Esse é um dos exemplos mais notórios de como as imagens são capazes de perpetuar representações desumanas e fortalecer discursos que visam à manutenção das relações hegemônicas de poder.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 3 — Feitores castigando negros



Jean-Baptiste Debret. Feitores castigando negros, 1835. Litografia em preto e branco, 33,6 x 21,8 cm (gravura) em folha de 54,6 x 36,0 cm. Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, 2025.

Em primeiro plano, vemos a representação do castigo covarde de um feitor português a um homem negro amarrado, impossibilitado de defesa. Ao fundo, representa-se o castigo de outro homem negro, aplicado, de acordo com Debret (1940, p. 195), por “um dos mais antigos escravos”. O ambiente bucólico contrasta com tamanha violência e covardia representada. A cena fica ainda mais desumana quando retomamos o relato do autor sobre a obra, que descreve:

> O infeliz representado no primeiro plano, depois de amarradas as mãos sentou-se sôbre os calcanhares, passando as pernas entre os braços de modo a permitir ao feitor que enfiasse uma vara entre os joelhos para servir de entrave; em seguida, fàcilmente derrubada com um pontapé, a vítima conserva uma posição de imobilidade que permite ao feitor saciar sua cólera. Ousando apenas articular uns gritos de misericórdia, o escravo só ouve como resposta "cala a boca, negro" (Debret, 1940, p. 195).

Tal narrativa mais endossa do que denuncia as práticas do sistema escravista, fragilizando argumentos de que a intenção do artista tenha sido protestar contra tais

Volume 2026
ISSN 2319-0868

violências. Além disso, termos racistas são recorrentes em títulos e descrições de outras obras que integram a mesma série. Esses fatores reforçam as críticas direcionadas à atuação artística de Debret em sua estadia no Brasil, a qual tem sido objeto de revisões e reinterpretações significativas.

Provocada a descolonizar tal cena violenta, uma das participantes da pesquisa atuou para ressignificar a narrativa visual presente em "*Feitores castigando negros" (Debret, 1835),* tomando por base as orientações da atividade no sentido de criar uma descrição textual mais positiva, evitando termos que pudessem gerar privilégio, hierarquia ou violência. De acordo com a descrição[5] elaborada pela estudante, a releitura seria composta pela seguinte narrativa:

> Imagem de dois homens, um negro e outro branco, posicionados à frente de um rio, pescando e contemplando a paisagem rural composta por montanhas e construções residenciais. Ao fundo, quatro pessoas negras colhem frutos de uma árvore, enquanto, no canto direito, observam-se os degraus de uma edificação (Estudante J, 2025).

Embora pudesse refinar tal descrição quando da submissão à ferramenta de IA Generativa escolhida, a estudante relatou em entrevista[6] ter utilizado exatamente a mesma descrição textual produzida em sala de aula. Declarou, ainda, não ter tido dificuldade em relação à utilização dessa tecnologia para a produção da imagem.

Quando questionada se já havia recorrido à IA Generativa para criar imagens para fins pessoais, a estudante respondeu positivamente, citando o uso *"tanto para fins de estudo quanto para a geração de ideias".* Contudo, quando perguntada se já havia vivenciado alguma atividade escolar que incorporasse essa tecnologia, ela declarou que aquela havia sido sua primeira experiência. Esse relato merece uma breve digressão, uma vez que, além de indicar um uso espontâneo e não mediado, serve como indício de uma prática digital já recorrente entre os estudantes.

Essa hipótese foi confirmada a partir de evidências produzidas por meio das entrevistas de pesquisa, uma vez que treze dos dezessete estudantes entrevistados

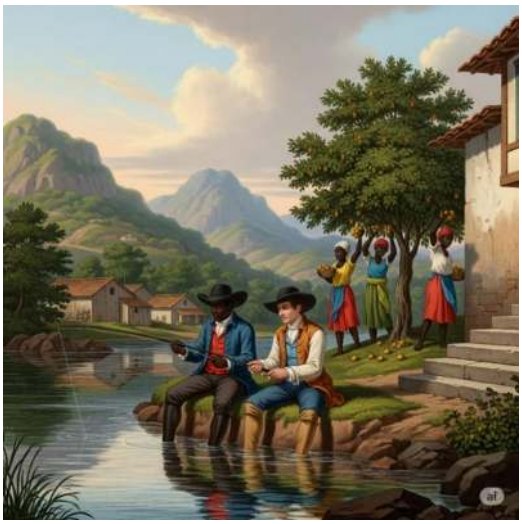
[5] Descrição textual produzida durante atividade pedagógica realizada em 01 de agosto de 2025.
[6] Entrevista de pesquisa nº 01, concedida em 03 de outubro de 2025, na cidade de Camaçari, estado da Bahia.

ao longo do estudo — mesmo quando as conversas abordavam temáticas distintas — afirmaram recorrer às tecnologias de IA Generativa em apoio às suas atividades escolares, sobretudo para pesquisas ou para produção de imagens. Em um dos relatos, por exemplo, uma estudante entrevistada[7] declarou: “Eu uso a inteligência artificial quando eu não entendo o assunto ou a imagem” (Estudante H, 2025).

Diante do exposto, infere-se que a utilização das ferramentas de IA Generativa já se constitui em uma prática disseminada entre os estudantes, ainda que de modo espontâneo e desprovido de mediação pedagógica. Em vista disso, torna-se urgente articular o ensino de Arte ao questionamento de tais tecnologias e às representações viabilizadas por meio delas a fim de evitar usos acríticos e descontextualizados e desenvolver um uso contextualizado.

Retomando a descrição textual produzida pela Estudante J — que foi submetida à versão gratuita da ferramenta Gemini, da Alphabet —, a projeção imagética teve como resultado uma cena mais amena, uma vez que a violência física não foi reproduzida. Em primeiro plano, dois homens, um branco e outro negro, foram representados em posturas mais amigáveis, em uma ação de lazer. Destaca-se a reprodução de um cenário bucólico bastante similar ao da obra original. Na imagem a seguir, apresenta-se a narrativa visual resultante.

Figura 4 — Amigos à beira do rio



Estudante J. Amigos à beira do rio. Imagem digital gerada por Inteligência Artificial, 2048 x 2048 pixels (.PNG). Fonte: Arquivo Pessoal, 2025.

[7] Entrevista de pesquisa nº 13, concedida em 13 de outubro de 2025 na cidade de Camaçari, Bahia.

REVISTA DA FUNDARTE

O aspecto mais crítico da narrativa reside no fato de as pessoas representadas em segundo plano terem sido interpretadas pelo algoritmo especificamente como mulheres. Considerando que foram descritas genericamente como “pessoas negras colhem frutos”, não se pode ignorar o fato de a ferramenta ter decidido pela representação de corpos femininos.

Essa especificidade, não mencionada na instrução original, configura uma violência simbólica ao cristalizar um viés machista embutido na tecnologia. Tal resultado desconstrói os argumentos que defendem a imparcialidade e neutralidade algorítmicas, frequentemente utilizados pelas empresas detentoras dessas tecnologias quando as controvérsias inerentes a elas ganham visibilidade.

Diante do resultado imagético, ao ser indagada se considerava que a imagem correspondia fielmente à descrição textual produzida por ela, a estudante respondeu: *“Não, pois na descrição eu indiquei quatro pessoas negras colhendo frutas de uma árvore frutífera e a ferramenta de IA gerou apenas três indivíduos”.* Contudo, ao avaliar o resultado da releitura proposta, considerou: *“Excelente, apesar dos erros. Acho que [eu] deveria ter sido mais específica”.* Tal depoimento revela que o estado atual dessas tecnologias não garante a fidelidade descritiva, exigindo um alto grau de detalhamento nos *prompts* utilizados. Além disso, o relato dialoga com as críticas relacionadas à padronização e à imprecisão, comuns nessas ferramentas.

Em relação ao propósito pedagógico que fundamentou tal experiência, quando perguntada se a releitura produzida atendeu à expectativa de eliminar preconceitos, privilégios, hierarquias sociais ou violência, a estudante trouxe uma importante perspectiva ao relatar que *“Não, a IA extraiu a violência, no entanto, adicionou o privilégio social de gênero, em que os dois homens estão descansando (pescando) enquanto as mulheres estão trabalhando (colhendo frutas)”.*

Ao ser questionada sobre sua consciência dos riscos e conflitos éticos associados às ferramentas de IA, a estudante afirmou: *“Sim, tenho consciência que a IA pode discriminar pessoas (raça, gênero), porque aprendeu com os dados que já tinham preconceitos”.* Em consonância com isso, a entrevistada relacionou esse fato à representação imagética do trecho “pessoas negras colhendo frutos” como corpos

Volume 2026
ISSN 2319-0868

exclusivamente femininos, o que, em sua avaliação, constituiu uma *"adição do privilégio social de gênero"*.

Sobre a pertinência da proposta, a estudante a descreveu como *"uma experiência nova, prática e criativa"*. Quando indagada se experiências como essa podem contribuir para o ensino de Arte, a estudante avaliou: *"Sim, eu considero. Essa experiência contribui para testar ideias e estimular a criatividade dos alunos, além de ajudar a analisar a obra, como fiz com a questão do privilégio"*. Por fim, concluiu ponderando que *"a IA, quando usada corretamente, é uma ferramenta poderosa e excelente, mas temos que ficar atentos, pois ela pode reproduzir preconceitos, racismo, etc."*.

Outros relatos corroboraram uma avaliação positiva da experiência e seu potencial em auxiliar o processo de ensino e aprendizagem acompanhada da consciência dos riscos referentes ao uso indevido. As ressalvas apontaram para a possibilidade de aumentar a desinformação, de gerar dados falsos ou imprecisos e para a capacidade de as ferramentas de IA Generativa falsearem a realidade, causando, assim, prejuízos e impactos sociais e econômicos para a humanidade.

As opiniões expressadas em entrevistas vão ao encontro das discussões realizadas em sala de aula ao longo do desenvolvimento da experiência e da interação com as ferramentas, as quais operam a partir da mesma lógica preconceituosa, misógina e estereotipada que foi cristalizada em obras icônicas da História da Arte e se disseminou também em outros segmentos da sociedade. A experiência demonstrou que, embora seja difícil evitar que os estudantes utilizem essas tecnologias, é crucial qualificar seu uso a partir do emprego contextualizado e crítico, atento aos riscos e conflitos éticos presentes.

O encerramento da proposta foi marcado pela discussão acerca da necessidade de elaborar detalhadamente os prompts, questionar as representações propostas pelas ferramentas de IA Generativa e manter um julgamento crítico de todos os resultados oriundos dessas tecnologias, de modo a neutralizar os vieses embutidos e identificar resultados enganosos, inadequados ou preconceituosos. Tal processo oportunizou novas reflexões sobre a experiência como um todo, a arquitetura tecnológica empregada e o próprio processo de elaboração dos prompts.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A experiência demonstrou a capacidade das ferramentas de IA Generativa de imagem em auxiliar os estudantes na projeção imagética de suas ideias, inibindo o receio do julgamento técnico muito comum nas experiências de produção artística em sala de aula. Essa praticidade apresenta-se como uma alternativa que oferece contribuições às condições concretas de tempo e disponibilidade de material comuns à educação pública. Ao mesmo tempo, surge como oportunidade para os estudantes analisarem criticamente o resultado imagético proporcionado por essas ferramentas e estabelecer uma conexão com o conteúdo curricular ao depararem-se com falhas, conflitos éticos e representações estereotipadas e racistas sob a ótica eurocentrada que historicamente subalterniza as mulheres, os povos indígenas e os povos africanos e afro-brasileiros.

As imagens produzidas mostraram-se condicionadas à capacidade dos estudantes em descrever textualmente a narrativa desejada, o que pressupõe o domínio de competências específicas de produção textual, bem como um determinado nível de compreensão acerca do funcionamento das ferramentas, especialmente quanto à elaboração de um prompt adequado. Soma-se a isso o fato de os produtos imagéticos gerados estarem submissos à interpretação algorítmica, bem como às limitações técnicas de cristalizar ideias complexas em imagens, o que restringe a amplitude das possibilidades expressivas.

Essas fragilidades acabam por limitar a subjetividade tipicamente humana, elemento constitutivo da criação artística, ao compartimentar e condicionar os processos criativos às restrições técnicas, à lógica algorítmica e aos vieses intrínsecos às ferramentas em seus estágios atuais de desenvolvimento. Nesse sentido, a experiência artística mediada por tecnologias de IA passa a operar sob lógicas que tensionam a autonomia criativa e a singularidade das produções.

Nesse contexto, quando incorporadas de maneira acrítica às práticas pedagógicas, o uso não problematizado dessas tecnologias pode resultar na consolidação de estéticas generalizadas ou padronizadas, na reprodução de representações estereotipadas e na exaltação da artificialidade em detrimento da expressividade humana.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Dessa forma, evidencia-se de maneira incontornável que o ensino de Arte em contextos contemporâneos não deve se furtar a problematizar a apropriação das linguagens artísticas por parte de ferramentas que se apresentam como soluções mágicas travestidas de inovação, mas que na verdade operam a partir de lógicas opressoras. Assim, a criação de releituras decoloniais a partir de ferramentas de IA configura-se como uma experiência crítico-criativa no ensino de Arte, na medida em que se utiliza dos meios tecnológicos oferecidos por tais ferramentas para desmascará-las em favor do desenvolvimento de uma postura crítica frente aos resultados imagéticos providenciados por elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crescente popularização das ferramentas de IA Generativa tem lançado novos desafios ao ensino de Arte, especialmente diante do uso cada vez mais intenso desses recursos por parte dos estudantes. Nessa perspectiva, a integração crítica e contextualizada dessas ferramentas emerge como uma oportunidade fundamental para tensionar suas dinâmicas de funcionamento, falhas e conflitos éticos, frequentemente associados à reprodução da desinformação, do racismo e da misoginia, exigindo uma mediação pedagógica voltada ao desenvolvimento de uma postura crítica dos estudantes.

Apesar do caráter inovador da proposta relatada neste trabalho, bem como das particularidades técnicas e procedimentais relacionadas ao manuseio das ferramentas digitais, observou-se que a atividade teve um grau de compreensão e resolução que superou as expectativas iniciais, o que pode estar relacionado ao fato de as ferramentas de IA Generativa já estarem integradas às rotinas dos estudantes, o que foi comprovado mediante as entrevistas.

Essa realidade sinaliza a necessidade de capacitar estudantes e professores quanto ao uso qualificado, contextualizado e crítico de tais tecnologias em benefício da aprendizagem, e não como estratégias de reforço a práticas reprodutivistas, transmissivas e copistas, que encontram respaldo em práticas pedagógicas de cunho passivo e que, sabidamente, não promovem uma aprendizagem significativa.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Em um contexto educacional em que o componente Arte dispunha de apenas um encontro semanal, é importante considerar que a implementação do ensino híbrido se constituiu como uma abordagem crucial para os efeitos pedagógicos observados. A mesclagem entre o ensino online e o ensino presencial oportunizou a ampliação da participação estudantil e das oportunidades de estudo, favorecendo um andamento pedagógico contínuo e diversificado. Dessa forma, o ensino híbrido evidenciou-se como uma relevante estratégia de qualificar a integração das tecnologias digitais ao processo formativo.

Enquanto redes sociais e inteligências artificiais massificam vieses, discursos de ódio e consumismo desenfreado, o ensino de Arte crítico e libertador torna-se uma trincheira urgente. Se não formarmos jovens capazes de decodificar e produzir Arte com consciência crítica, estaremos entregando esse poder às engrenagens algorítmicas que lucram com a desinformação e com a perpetuação de preconceitos. Ademais, a banalização das linguagens artísticas — cristalizadas em memes, dancinhas, *fake news* e conteúdos viralizantes — revela um risco oculto: sem mediação qualificada, a Arte deixa de ser ferramenta de questionamento para tornar-se instrumento de reprodução de estereótipos e narrativas dominantes.

As evidências produzidas no âmbito da experiência demonstraram a pertinência da criação de releituras críticas mediadas por ferramentas de IA Generativa de imagem. A praticidade, a velocidade e a capacidade de projeção imagética das ideias dos estudantes emergiram como fatores positivos que encorajaram os estudantes a realizar a proposta de ressignificar obras marcadas por uma perspectiva eurocêntrica, racista e marginalizada.

Nesse processo de construção mediada pedagogicamente com vistas à promoção do uso qualificado, crítico e contextualizado, evidenciaram-se fragilidades comuns às principais ferramentas disponíveis atualmente, a exemplo da ineficácia no que se refere à expressão da subjetividade — tendo em vista a recorrência de estéticas visuais genéricas, padronizadas e artificializadas —, da limitação do poder de decisão sobre o resultado final, bem como da reprodução de preconceitos cristalizados em representações estereotipadas e racistas.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Tais problemas surgem como oportunidade de questionar a arquitetura técnica, a lógica algorítmica, bem como os resultados oferecidos por ferramentas habitualmente apresentadas como soluções mágicas, dando visibilidade a controvérsias e conflitos éticos que encontram eco em práticas e representações oriundas de períodos históricos mais distantes, que refletem os cânones artísticos.

Nesse contexto, longe de se render às potencialidades e às promessas oferecidas pelas ferramentas de IA Generativa de imagem, as *Releituras Decoloniais de Debret* configuram-se como uma proposta crítico-criativa que se apropria das tecnologias em favor de uma postura crítica para o questionamento de representações, discursos e estéticas visuais que, inclusive, atuam para a persistência de preconceitos históricos.

Muito embora seja ainda prematuro considerar que a produção de imagens mediadas por meio dessas tecnologias se constitua como genuína produção artística, a utilização dessa estratégia em auxílio à criação de releituras decoloniais demonstrou potencial para fins pedagógicos, desde que se resguardem as limitações e, principalmente, se fomente o senso crítico quanto ao resultado estético.

O intuito da experiência foi não apenas descolonizar as obras de Debret, mas, a partir desse elo entre o fazer, o refletir e o decodificar, possibilitar que os estudantes articulassem o imaginário visual promovido por essas obras com as representações estereotipadas que as novas tecnologias são capazes de produzir. Paralelamente, buscou-se que a proposta se configurasse como uma oportunidade de reflexão sobre o modo como a arquitetura tecnológica reproduz preconceitos sociais, mobilizando e auxiliando os estudantes a desenvolver um uso crítico de ferramentas habitualmente tratadas como neutras e imparciais.

Assim, diante dos desafios e potencialidades identificados na experiência relatada, conclui-se pela viabilidade do emprego de ferramentas de IA Generativa, desde que devidamente qualificado e contextualizado, especialmente como meio de evidenciar e questionar as representações, os riscos e conflitos éticos intrínsecos a essa tecnologia. Tal uso, porém, deve primar pela expressão da subjetividade, da criatividade e da mediação crítica humana — aspectos tipicamente evocados na criação artística. Esses elementos devem ser mobilizados a fim de proporcionar

vivências e sensações significativas, representando pontos de vista plurais, de modo que a Inteligência Artificial seja apenas mais um suporte à disposição do processo criativo, jamais se rendendo a qualquer tentativa de banalização da Arte.

Referências:

BAHIA. Secretaria da Educação. **Documento Curricular Referencial da Bahia para o Ensino Médio (v. 2)** / Secretaria da Educação do Estado da Bahia. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte:** anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BISPO, Imara Queiroz. **ABORDAGEM TRIANGULAR:** CULTURA EM DIÁSPORA NOS PROJETOS EDUCACIONAIS. Revista da FUNDARTE. Montenegro, V. 65, N. 65, p. 1-26, setembro, 2025. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

BRASIL. **Lei 15.100 de 13 de janeiro de 2025.** Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. Brasília, DF: Ministério da Educação (MEC), 2025. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2025/Lei/L15100.htm>. Acesso em: 01 fev. 2025.

DE SÁ, Maria Roseli Gomes Brito; ALMEIDA, Marlene Oliveira dos Santos; SANTOS, Verônica Domingues dos. ***Pesquisa interventiva em educação: contribuições para o debate teórico-metodológico.*** 1. ed. Araucária, PR: Editora Sorian, 2025.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1940. t.1, v.1/2, ix, 295 p. (Biblioteca Histórica Brasileira, 4).

DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.** São Paulo: Livraria Martins, 1940. t.2, v.3, 302 p. (Biblioteca Histórica Brasileira, 4)

DEBRET, Jean-Baptiste. **Feitores castigando negros.** Litografia em preto e branco, 33,6 x 21,8 cm (gravura) em folha de 54,6 x 36,0 cm. **1835**. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/3408/1/006245-2_IMAGEM_069.jpg. Acesso em: 13 set. 2025.

DEBRET, Jean-Baptiste. **O jantar.** 1 grav.: litografia pb.; dimensões da grav.: 38,0 x 23,3 cm em f. 54,6 x 36,0 cm. **1835**. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/3725/1/006245-2_IMAGEM_055.jpg. Acesso em: 18 fev. 2026.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

DEBRET, Jean-Baptiste. **Soldados índios da província de Curitiba, escoltando índios prisioneiros.** 1 grav.: litografia pb.; dimensões da grav.: 24,6 x 33,8 cm em f. 54,0 x 36,0 cm. **1834**. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/3727/1/006245-1_IMAGEM_034.jpg. Acesso em: 18 fev. 2026.

HOLMES, Wayne et al. **Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa**. UNESCO Publishing, 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2023.

VIANA, Gê. **Atualizações Traumáticas de Debret** [série de colagens digitais], 2020. Obra original que inspirou “Sentem para jantar”. Artista maranhense usando colagem digital em bases históricas coloniais. Disponível em: https://galeriasuperficie.com.br/artistas/ge-viana/. Acesso em: 16 jul. 2025.

Recebido em: 26/02/2026.
Aceito em:20/05/2026 .
Editor responsável: Nome do Editor(a).

Fernando Dourado dos Santos
Mestre em Artes pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e especialista em Metodologias Ativas (UNIVASF) e em Educação a Distância (UNIMONTES). É educador-pesquisador com atuação na interseção entre Artes Visuais, Metodologias Ativas e Tecnologias Educacionais, com foco em práticas pedagógicas decoloniais e inclusão digital. Integra o quadro efetivo da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, com experiência no Ensino Médio regular, técnico (integrado) e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Também possui experiência no Ensino Superior, atuando em curso de graduação no âmbito da Universidade Aberta do Brasil (UAB).
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-9697-8446
E-mail: fernandodourado1@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/